

# SENTIDOS DA CONVIVÊNCIA COM A SEMIARIDEZ EM ENUNCIADOS DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BELA CONQUISTA

*Edineide da Silva Ferreira (IFBA)\**

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar, por meio da paráfrase, da metáfora e da polissemia, os sentidos do discurso da convivência com a semiaridez que emergem dos enunciados dos agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista quando postos em relação com outros discursos, principalmente com o do combate à seca. O corpus de onde foram retirados os enunciados em questão é formado por um conjunto de respostas sobre os discursos do combate e da convivência com a semiaridez, coletados de agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista, situado no município de Itiúba – BA, em situação de entrevista semiestruturada. Para atingir o objetivo proposto, adotaram-se os procedimentos de análise postulados por Orlandi (2010), observando-se as etapas procedimentais da passagem da Superfície Linguística (texto) para o discurso, a passagem do objeto discursivo (formação discursiva) para o processo discursivo e a passagem do processo discursivo para a formação ideológica.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso de linha francesa; Agricultores familiares; Sentidos da Convivência com a semiaridez

## ABSTRACT

In this article, we have to analyze through the paraphrase, the metaphor the polysemy the company speech senses with semi aridity emerging from statements of the familiar farmers of the settlement Bela Conquista, when put in relation to other discourses, especially with the fight to drought. The corpus from where were removed the statements in question, it is formed by a set of answers about the combat speeches and company with semi aridity collected from familiar farmers of the settlement Bela Conquista, in the municipality of Itiúba-Ba in an interview situation half structured. To achieve the proposed objective, we adopt procedures of analysis postulated by Orlandi (2010), looking up the procedural steps of the passage Surface Linguistics (text) to the speech, the passage of the discursive object (discursive formation) to the discursive process and the passage discursive process for ideological training.

**Keywords:** RAnalysis of French Speech, Familiar Farmers, Interaction Directions with Semi aridity

---

\* Pedagoga, Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano, Campus Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. (edineidecat@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta reflexões engendradas durante um estudo<sup>1</sup> no qual partiu-se do seguinte questionamento: como significa, histórica e ideologicamente, o discurso da convivência com a semiaridez nos enunciados dos agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista na sua relação com outros discursos, principalmente com o do combate à seca? Desta questão, irrompe a hipótese de pesquisa: como, para significar sócio, histórica e ideologicamente, o discurso dialoga com elementos estranhos a si mesmo, com outros discursos, outras vozes sociais, com a história e a ideologia, com o exterior linguístico. Entende-se que não se pode pensar a análise do funcionamento do discurso da convivência com a semiaridez nos enunciados dos agricultores familiares sem considerar o interdiscurso, os (inter) discursos. Isto é, como são constitutivamente marcados pelo outro, pelo heterogêneo, enfim, pelo interdiscurso, ao descrever os funcionamentos do discurso objeto do presente estudo, ou seja, como eles significam na história, na ideologia, na sociedade, devem-se considerar, em nossos procedimentos analíticos, as movências interdiscursivas e suas implicações nos modos de significação, de produção de efeitos de sentido.

Da relação entre o problema de pesquisa que ora foi levantado e a hipótese, definiu-se o principal objetivo a ser alcançado neste artigo: analisar, por meio da paráfrase, da metáfora e da polissemia, os sentidos e significados discursivos da convivência com a semiaridez que emergem dos enunciados dos agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista quando postos em diálogo com outros discursos, principalmente com o do combate à seca.

### 1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considerando o pressuposto de Orlandi (2010, p. 64) da “[...] necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para “ranger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação”, as análises do discurso da convivência com a semiaridez na enunciação dos agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista (município de Itiúba – BA), têm como principal referência teórica os estudos de Orlandi (2010, 2008, 1996, 1990) embasados nas concepções de Michel Pêcheux, fundador da Análise de Discurso de linha francesa<sup>2</sup>.

Tendo em vista o objetivo de analisar os sentidos da convivência com a semiaridez levando em conta seu funcionamento ao produzir efeitos de sentido através da paráfrase, da metáfora e da polissemia, no âmbito metodológico, optou-se pela pesquisa qualitativa e perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa, de cujo aporte metodológico se adotou os procedimentos de análise postulados por Orlandi (2010), observando-se as etapas procedimentais da passagem da Superfície

---

<sup>1</sup> Referimo-nos à monografia de Ferreira (2013), desenvolvida no âmbito da Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos promovida pelo IF Baiano em parceria com o CNPq. Orientada pelo Professor de Língua Portuguesa do IF Baiano, Campus Senhor do Bonfim Aluno do Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP-Araraquara, aquém agradece com especial carinho e apreço pela orientação e o incentivo a produção deste e de outros artigos.

<sup>2</sup> A Análise de Discurso de linha francesa a qual nos referimos neste texto refere-se a uma disciplina originada na França na década de 1960 tendo Michel Pêcheux como um dos fundadores que articulando três áreas de estudo: o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística

Linguística (texto) para o discurso, a passagem do objeto discursivo (formação discursiva) para o processo discursivo e a passagem do processo discursivo para a formação ideológica. Além disso, como Orlandi (2010), se entende os processos parafrásticos, de metáfora e da polissemia como essencialmente heterogêneos o que levou a considerar, na análise, a heterogeneidade do discurso da convivência com a semiaridez. O *corpus* é formado por um conjunto de enunciados sobre os discursos em questão, coletados de dezoito agricultores familiares do Assentamento Bela Conquista situado no município de Itiúba-BA, em situação de entrevista semiestruturada individual e por um arquivo<sup>3</sup>.

As entrevistas foram transcritas e organizadas tendo em vista o recorte temporal (antes e depois de 1980) e situacional do sujeito (antes e depois de ser assentado). Em seguida, observando-se a etapa procedimental da passagem da Superfície Linguística (texto) para o discurso, foram selecionados os enunciados mais representativos das filiações ideológicas da formação discursiva em questão. Consecutivamente, prosseguiu-se a análise, pondo o dito em relação com o não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito de outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro.

Além desse *corpus*, para uma explicitação da constituição interdiscursiva desse discurso, foi constituído um conjunto de textos a partir dos discursos textualizados: 1) por estudiosos da convivência com a semiaridez posta como paradigma civilizatório de modelo de desenvolvimento sustentável para o Semiárido Brasileiro como Malvezzi (2007), Silva (2006), Carvalho (2010) e Macedo (2004); 2) por artigos que abordam as temáticas *seca* e *convivência com o semiárido*, documentos oficiais, materiais gráficos de divulgação como jornais, cartilhas, Boletins, Jornais de ONGs, Pastorais e movimentos sociais, artigos extraídos da internet.

Após esse passo, foi posto em diálogo o *corpus* de enunciados dos agricultores familiares e o arquivo. Tomando deles as formulações de sentidos que se repetem, identificando o trabalho da memória discursiva e procurando descrever como os movimentos dos interdiscursos significam e auxiliam na análise do funcionamento discursivo do discurso da convivência com a semiaridez. A partir do eixo intradiscursivo, descreveu-se a forma como os interdiscursos se movem nas formações discursivas e nos discursos que as atravessam por meio de processos discursivos como a paráfrase, a metáfora, a polissemia.

### **1.1 Memória discursiva, interdiscurso, metáfora, paráfrase e polissemia**

É pela mobilização e articulação das categorias memória discursiva, interdiscurso, metáfora, paráfrase e polissemia que se pode dar conta de analisar o funcionamento discursivo do discurso da convivência com a semiaridez em enunciados de agricultores familiares. Considerando que, na abordagem teórica da AD, os discursos não são entendidos como meras mensagens a serem decodificadas e analisadas do ponto de vista do conteúdo, mas efeitos de sentidos produzidos entre os locutores em condições determinadas e que estão, de alguma forma, presentes no modo como

---

<sup>3</sup> Neste estudo, o termo arquivo designa um conjunto de textos que tratam dos temas convivência com a semiaridez e o combate à seca, da invenção do nordeste, fragmentos de textos bíblicos e de músicas com a temática da seca, da reforma agrária ou do Sertão.

se diz, constituindo o que Orlandi (2010, p. 30) entende como vestígios, pistas, que o analista do discurso tem de apreender para compreender como os sentidos são produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção, corroborando com as reflexões feitas por Pereira (2010, p. 32) a partir de Pêcheux (1997) no que se refere ao interdiscurso. Assim, foi possível compreender o interdiscurso “como um complexo interligado de formações discursivas, sendo que, uma dessas, em virtude do trabalho ideológico de produção de sentidos, ocupa o lugar da dominância.” O que implica a existência de outras formações discursivas (FDs). Como afirma Pereira (2010, p. 32): “O fato de haver uma única FD dominante não extingue a existência de outras, muito pelo contrário, indica a existência de saberes que foram selecionados e de outros que foram recusados para que seja constituído o regime de saberes de determinada FD.” Sendo assim, a forma-sujeito, “responsável por organizar os saberes de uma FD, é que vai cingir a relação entre a noção de interdiscurso e a noção de FD, na medida em que seleciona dentre os saberes disponíveis no interdiscurso, aqueles que vão constituir um discurso específico”.

Como Pereira (2010), infere-se que os sentidos já existentes a respeito de um tema não estão ancorados numa única FD, eles se movimentam para todos os lados quando mobilizados por sujeitos de FDs diferenciadas num jogo que se desenrola na história, possibilitando um encontro entre a memória e a atualidade.

Nesse sentido, assim como Orlandi (2010, p. 30), considera-se que as condições de produção de um discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória, que integram o processo de produção do discurso.

Uma vez que a memória discursiva “aciona” os sentidos, faz valer as condições de produção. Considerando que o processo de produção de sentidos estrito se dá nas circunstâncias da enunciação num contexto imediato e, num sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico, mobiliza-se assim, “a noção de memória discursiva. Essa noção implica o estatuto histórico do enunciado inserido nas práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos de Estado” (BRANDÃO, 1993, p. 79). Ainda sobre a memória discursiva, explica Orlandi (2010, p. 31) que ela “[...] tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso”, o qual “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva”. O interdiscurso seria, portanto, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. O que implica que “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”.

Isso permite que, ao colocar o dito em relação com o não dito e vice-versa, o recurso da paráfrase explicita os efeitos de sentido que significam o discurso da convivência com a semiaridez e as tensões que pautam a relação de interdiscursividade entre ele e outros discursos, como o do combate à seca. Por isso, compreende-se a formação discursiva como constitutivamente heterogênea; heterogeneidade essa que aparece no eixo da formulação, o intradiscurso, que fornece pistas materiais, também heterogêneas, para, na relação com a dimensão da constituição, o interdiscurso, que determina aquele, valer-nos de elementos que nos auxiliem na compreensão – como a postula Orlandi (2008, 2007) – do discurso em questão. Assim, pode-se afirmar que “toda formação discursiva

apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos”, isto é, “uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.” (FERNANDES, 2008, p. 39).

Em se tratando da teoria da AD, outro conceito crucial que, ao realizar este estudo, possibilita passar da noção de funcionamento da linguagem para o discurso, considerando a não transparência da linguagem e a opacidade nos/dos enunciados coletados dos agricultores pesquisados e textualizados, é o efeito metafórico. De acordo com Pêcheux (1969, p.96), o efeito metafórico é o fenômeno produzido por uma substituição contextual, lembrando que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do sentido designado por x e y. É pelo acionamento dessa categoria discursiva que, no dizer de Pêcheux (2006, p.53), “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro”. Por isso a paráfrase, segundo Orlandi (2009, p. 137) se dá numa tensão com a polissemia. Esta “desloca o “mesmo” e aponta para a ruptura, para a criatividade: presença da relação homem-mundo, intromissão da prática na/da linguagem, conflito entre o produto, o institucionalizado, e o que tem de se instituir”. Orlandi (2009, p. 137) reconhece, dessa forma, que a paráfrase – pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, que faz com que um ponto de partida e um ponto de chegada através de deslizamentos de sentidos de próximo em próximo, sejam totalmente distintos, mantendo, no entanto, algo de mesmo nesse diferente; havendo sempre um possível “outro”, mas que constitui o mesmo. O mesmo sendo produção da história representado pelos deslizes, paráfrases, que embalam o dizer num jogo de diferentes formações discursivas – “é considerada, na linguística, como a “matriz do sentido”, mas que segundo sua e também “nossa perspectiva, a polissemia é a “fonte do sentido” uma vez que é a própria condição de existência da linguagem. “Se o sentido não fosse múltiplo não haveria necessidade do dizer”.

Neste artigo, a paráfrase e a polissemia trabalham continuamente os dizeres significados na FD da convivência com a semiáridade através de um tensionamento entre o mesmo e o diferente, entre o *já dito* e o *a se dizer*, em que se produzem os movimentos intradiscursivos dos discursos analisados. Dessa maneira, apreende-se que “polissemia e paráfrase se limitam reciprocamente. Subentendendo que, os modelos que lidam com essa modulação são os que levam em conta o social, ou seja, os que fazem o percurso da linguagem em sua prática” (ORLANDI, 2009, p. 137).

## **2. AGRICULTORES FAMILIARES: O ASSENTAMENTO BELA CONQUISTA**

Pressupondo que os lugares que os sujeitos ocupam numa formação social condicionam as condições de produção discursivas, definindo a posição por eles ocupada no discurso (SANTANA; OLIVEIRA, 2007, p.71), neste tópico, procurou-se explicitar o lugar ocupado pelos agricultores familiares de Bela Conquista na enunciação do discurso *da convivência com a semiáridade*. Tomando ainda o postulado de que o sujeito se constitui significando, por conseguinte, o ato de significar está implicado nas condicionalidades da formação social e da formação ideológica. Como propôs Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2010, p. 17), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Dessa forma, é pertinente considerar a realidade ideológica, histórica e social que interpela o indivíduo agricultor familiar a se constituir em sujeito no semiárido brasileiro. A esse respeito, afirmaram Baptista e Campos (2011, p. 1) que:

A realidade do semiárido que nós interpelamos apresenta um contexto de muitas injustiças, exploração da pessoa humana e natureza com extrema exclusão social. Essa situação tem como uma das principais causas, a concentração da terra e da água na região. Esse problema estrutural consolidou-se ao longo da história, originando uma imagem negativa do Semiárido e se constituindo como um dos grandes desafios na superação da pobreza e miséria, não só do semiárido, mas de todo o território brasileiro. (Batista e Campos, 2011, p. 1).

Para compreender “a língua produzindo sentidos por/para os sujeitos” no caso dos agricultores familiares de Bela Conquista, foi situada a história de Bela Conquista no contexto histórico da luta pela terra no Semiárido, da apropriação da terra no Brasil e da formação da pequena propriedade familiar nesse território sertanejo. O Assentamento Bela Conquista está situado no entorno da sede do município Itiúba, que, de acordo com Azerêdo (1987), é um município localizado no centro-norte da Bahia, na região Sisaleira (Território do Sisal), acerca de 380 km de Salvador, com uma extensão territorial de 1.570 km<sup>2</sup>, situado na área correspondente aos antigos domínios das Sesmarias da Casa da Torre. Segundo o censo do IBGE (2010 *apud* INSA, 2012), Itiúba conta com uma população de 36.113 habitantes e, ainda conforme Azerêdo (1987) tem sua economia baseada na agricultura, pesca e pecuária, na criação de ovinos, caprinos, bovinos e cultivo de hortifrutigranjeiro, artesanato, complementado pelo setor de comércio e outros serviços.

Numa entrevista, os alunos da 4ª série (5º ano) da Escola Experimental de Bela Conquista perguntaram a um dos líderes comunitários como surgiu o movimento para ocupação da área<sup>4</sup>, o agricultor familiar J. N. respondeu: “surgiu da necessidade dos trabalhadores de um pedaço de terra para trabalhar”. E continuou relatando que ele e outros trabalhadores “eram boias-frias que trabalhavam “vendendo o dia” aos fazendeiros da região” e que, “lendo a *Bíblia*, especificamente os livros de *Gênesis* e dos *Levíticos*, encontraram que Deus fez a terra para o homem e a mulher nela trabalharem, então a terra era de todos. A Constituição Federal também diz que todo cidadão tem direito a terra e à moradia”.

Motivados pela problematização da própria situação social existente, pela leitura de mundo, aprendida nas Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs)<sup>5</sup>, no dia primeiro de agosto de 1989, cerca de vinte e duas famílias de agricultores sem-terra ocuparam as dependências da antiga fazenda Experimental, a qual há doze anos não cumpria a função social de terra produtiva, uma vez que a experimentação agropecuária, realizada pelo governo estadual através da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia – EPABA e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia – EMATERBA, não tivera êxito, e a área estava se transformando em pasto para o gado bovino de alguns fazendeiros. Mesmo sendo área de terras devolutas, aquelas famílias sofreram ação de despejo

---

<sup>4</sup> Com aproximadamente 700 ha da antiga fazenda Experimental, atual Assentamento Bela Conquista.

<sup>5</sup> Informações obtidas pelo relato oral do assentado e ex-presidente da Associação dos Assentados da Fazenda Bela Conquista - José Nelson Bispo.

logo nas primeiras 48 horas. Apoiadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e pela Comissão Pastoral da Terra dirigiram-se à capital, ocuparam o órgão responsável pela regulamentação fundiária e de lá só saíram com a autorização de permanecer na terra outorgada pelo então governador da Bahia, Nilo Coelho.

Na área, foi instituído o sistema de produção-ocupação<sup>6</sup>. Em uma parte do terreno (cerca de 60 ha), são desenvolvidas, de forma coletiva, a horticultura e a fruticultura; e, numa outra área, de cerca de 18 hectares, são criados bovinos e ovinos de forma semiextensiva. Há ainda a casa do queijo, que funciona como uma pequena indústria de beneficiamento de frutas e de derivados do leite, uma mercearia e uma padaria, que são administradas pela associação. A produção é comercializada pelos próprios agricultores na feira livre do município e através dos programas governamentais como o Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

Segundo dados da Associação dos Assentados da Bela Conquista, na atualidade<sup>7</sup>, 185 pessoas moram no assentamento (sendo 55 crianças, 35 pessoas entre treze e vinte e quatro anos, 71 pessoas entre os vinte cinco e sessenta anos e 24 pessoas acima de sessenta anos), totalizando 52 famílias (das quais, 36 são posseiras e 16 não posseiras). Entretanto, no Cadastro da Agente de Saúde<sup>8</sup> que atua no assentamento, denominado *Ficha A*, constam 191 moradores distribuídos em 45 famílias, sendo 67 crianças de 0 a 12 anos, 36 pessoas entre os 13 e 24 anos, 39 pessoas entre os 25 e 45 anos, 23 pessoas na faixa etária entre os 45 e 50 anos, 26 pessoas acima de 60 anos.

### 3. CONVIVÊNCIA COM A SEMIARIDEZ: INTERDISCURSO E SENTIDOS

Neste estudo, numa tentativa de explicitar os significados dos efeitos de sentidos que constituem o discurso da convivência com a semiaridez, os quais emergem na interlocução entre os enunciados dos agricultores assentados de Bela Conquista e outros discursos, pautou-se na perspectiva analítico-metodológica da AD e dos pressupostos preconizados por ela e textualizados por Orlandi (2010, p. 60):

[...] de que não há sentidos “literais” guardados em algum lugar – seja no cérebro ou na língua – e que aprendemos a usar os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente estão largamente presentes.

Considerando ainda a concepção de Pêcheux (1969, p. 82), de que “o discurso é efeito de sentido entre interlocutores” e de que existe uma ligação fundamental do sentido com a história, a perspectiva discursiva da AD, neste estudo, centra-se no processo de produção dos sentidos, através de procedimentos que explicitam a historicidade contida na linguagem. Uma vez que os sentidos não são dados apenas por propriedades formais da língua, mas, sobretudo, dependem das formações discursivas, pois as palavras significam de acordo com a posição discursiva que ocupam.

<sup>6</sup> Extraído do Relatório do Intercâmbio da Caritas Brasileira.

<sup>7</sup> Considerando os dados no período (2012/2013) em que a pesquisa foi empreendida.

<sup>8</sup> Refere-se a Sra. Márcia Simões, agente comunitária de saúde pelo Programa de Agentes Comunitários de Saúde – PAS, Instituído pelo Ministério da saúde em 1991, que atua na área do Assentamento Bela Conquista.

Consoante à constatação das reflexões engendradas durante nosso estudo<sup>9</sup>, podemos afirmar que o discurso da convivência com a semiaridez constitui-se em relação dialética com o discurso do combate à seca e que a interdiscursividade do discurso do combate à seca se constitui na relação com as formações discursivas mítico-religiosa fatalista, patrimonialista-escravocrata, extrativista-utilitarista da natureza, discurso técnico-economicista; enquanto o discurso da convivência com a semiaridez se constitui na relação com as formações discursivas da seca como fenômeno sociopolítico, discurso bíblico-libertador, discurso da igualdade jurídica e religiosa, discurso ambiental climático-científico e discurso do desenvolvimento sustentável.

Nessa perspectiva, o movimento do interdiscurso e do intradiscurso e a relação entre eles evidenciam a constituição do discurso da convivência com a semiaridez na relação com formações discursivas e discursos que a sustentam. Assim, nos enunciados que se referiam à forma de lidar com a seca antes de 1980, elementos da FD do combate à seca aparecem insistentemente. Entretanto, essas marcas vão sendo apagadas, enquanto outros elementos, que significam na relação com a FD da convivência com a semiaridez, são reiterados nos enunciados dos agricultores familiares que se referem à forma de lidar com a seca depois de 1980, coincidindo com o período em que o discurso da convivência com o semiárido surge na enunciação dos movimentos sociais que resistiam à política do combate à seca a partir de experiências exitosas, desenvolvidas por algumas ONGs e setores da Igreja Católica nos anos de 1970/80.

Contrapondo-se à inviabilidade do semiárido preconizada pelo discurso do combate à seca em suas práticas discursivas, um agenciamento discursivo foi explicitando o efeito de sentido que enunciava a viabilidade do Nordeste/semiárido textualizada nas expressões: “O Nordeste é viável” ou “O Nordeste é possível”, a partir de uma prática de sistematização das propostas comuns dessas instituições de pensar ações relativas ao acesso à água, à terra, à educação, etc., que ajudam a criar um arcabouço discursivo que apontava para outro/novo sentido de desenvolvimento.

Nesse contexto, Carvalho (2010) informa que, no fim dos anos 1990, especialmente no ano de 1999, um significativo número de organizações da sociedade civil comungava as mesmas propostas, que já extrapolavam as fronteiras geográficas da Região Nordeste, forçando a considerar a possibilidade de uma articulação de escala geográfica mais ampla e a ponderar o fato de que o enunciado “conviver com a seca” propiciaria interpretações lineares.

Confirmando-se o pressuposto da AD francesa de que as condições de produção de um discurso estão inscritas em sua materialidade linguística e de que, instados a dizerem em uma formação discursiva, fora da qual não haveria sentido possível, os sujeitos são levados a assumir lugares preestabelecidos em seu interior e a obedecer a regras que os condicionam a falar dessa ou daquela maneira, conforme esse lugar discursivo (COSTA, 2005), em tais circunstâncias, evidencia-se uma modificação no enunciado do discurso da convivência, conferindo-lhe um novo contorno de significação. O sentido de “o Nordeste é viável” passa a ser o “Semiárido Brasileiro é um território viável com identidade e proposições de políticas próprias”.

---

<sup>9</sup> Refere-se à monografia de Ferreira (2013), desenvolvida no âmbito da Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos promovida pelo IF Baiano em parceria com o CNPq.



Sobre o percurso dos sentidos da convivência com a semiaridez no assentamento Bela Conquista, lócus da pesquisa que embasa o presente artigo, tomou-se um fragmento, que, embora explicita o atravessamento de sentidos advindos da FD do combate à seca como elemento constitutivo de sua heterogeneidade discursiva, se inscreve na FD da convivência com a semiaridez. Nele, o agricultor J. N. enunciou:

A convivência com a seca, ela veio há 30 anos, quando a Dr<sup>a</sup> Cecília, a Irmã Gêmea e o Pe. José, esse pessoal chegou por aqui. Foi quem nos ensinaram a conviver com a luta para adquirir essas coisas. Esse pessoal nos educou para conviver com a seca. Antigamente, a gente só lia a Bíblia. Sei que a gente era gente, tinha direito, mas não sabia como lutar por aquele direito. Especialmente com a convivência com a seca. (Agricultor J. N./fevereiro de 2012/Bela Conquista).

O atravessamento de sentidos advindos da FD do combate à seca através do interdiscurso se evidencia no trecho “*Esse pessoal nos educou*”, pois, essa expressão “nos educou” reporta à formação discursiva da educação bancária, cujo pressuposto básico era o de que quem não tinha educação deveria aceitar, passivamente, as doações benévolas de quem a detinha e se dispunha a dar. Evidenciando uma contradição com o discurso da educação libertadora, preconizado por Freire (2005, p. 87), através do seguinte enunciado: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo” ou da paráfrase deste pensamento, expressado pelo mesmo autor: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”.

No entanto, esse entendimento se dilui à medida que aprofundamos as análises desses jogos de sentidos, uma vez que a formação discursiva da educação bancária não significa a educação diretamente como prática de liberdade, e sim, como prática de civilização. A diferença básica entre essas duas FDs consiste nos princípios que mobilizam para significar, histórica e ideologicamente, seus discursos, a favor de quem ou contra quem.

Assim sendo, a formação discursiva da educação libertadora se distingue da bancária porque, nela, o sujeito agricultor familiar, interpelado ideologicamente, se identifica como oprimido em relação ao fazendeiro que lhe oprime, enquanto explora sua força de trabalho. Simultaneamente, nessa FD, o agricultor familiar é encorajado a se insurgir contra o fazendeiro, *ocupando* a terra, base sobre a qual se assenta parte do poder de dominação do opressor, no caso, o fazendeiro; o que caracteriza e explicita dois posicionamentos discursivo-ideológicos na sociedade, levando em conta a divisão social do trabalho.

A formação discursiva da educação bancária significa a ação de *educar como civilizar*, aludindo à racionalidade do fazendeiro (opressor) como a mais legítima para possuir, decidir e administrar o usufruto dos meios de produção e a participação nos mecanismos políticos e econômicos. Dessa forma, se os sujeitos mencionados pelo agricultor J. N. enunciassem “desse lugar”, seu discurso preconizaria a transferência de parte do saber superior elaborado pelo opressor para os oprimidos sob a justificativa de mitigação da ignorância ou irracionalidade dos oprimidos. Ao invés disso, o enunciado “*Esse pessoal educou a gente para conviver com a seca*” significa “organizando-nos e fazendo-nos rejeitar a condição de semiescravos. Isso fez com que nos enxergássemos como cidadãos

(agentes, capazes de participar da transformação da realidade da sociedade em que vivíamos), encorajando-nos a insurgir contra a dominação do fazendeiro e a ocupar a terra, a reivindicar direitos, pressionando o estado”.

Assume a perspectiva da educação popular, como prática de libertação e atualiza o discurso sociopolítico-educativo da convivência com a seca enunciado pelas ONGs na década de oitenta, sobretudo as pastorais e movimentos da Igreja Católica orientados pela Teologia da Libertação em ascensão no cenário católico nacional, característica daquele momento histórico que mobilizava os sentidos plasmados pela linha teórica do materialismo histórico. Para explicitar tal relação, alude-se o que foi dito por Leonardo Boff (2003, p. 93):

A teologia deu preferência, em função dessa perspectiva de fé, a análise dialética elaborada pela tradição revolucionária e crítica, sem com isso assumir todas as implicações de ordem filosófica (materialismo dialético) e estratégica (luta de classe) presentes, por exemplo, no materialismo histórico. Fez um uso não servil dos instrumentos analíticos em razão de conseguir maior lucidez dos mecanismos geradores de empobrecimento e maior visão acerca das alternativas possíveis à sociedade capitalista.

O enunciado “Antigamente a gente só lia a Bíblia”, elucida o contexto discursivo apontando para o discurso da convivência com a seca, atravessado pela formação discursiva bíblico-libertadora postulada pela Teologia da Libertação, que estimulava as Comunidades Eclesiais de Base a fazerem uma releitura bíblica, sobretudo dos livros *Êxodo*, *Gênesis* e *Levítico*, contextualizados e atualizados nas realidades sociais e políticas dos povos do Sertão. Nessa perspectiva, os sujeitos enunciadorees dos elementos cujos sentidos deslizaram historicamente para a composição da formação discursiva da convivência com o Semiárido, irmãs religiosas e padres, ocupam o lugar de educadores sociais. E ainda neste aspecto o trabalho da memória remete ao discurso pedagógico-missionário herdado da linhagem de evangelização disseminada entre os anos 1850 e 1870 por missionários como Ibiapina, Conselheiro, Padre Cícero e etc.

Assim, um dos primeiros significados da convivência com a semiaridez que a análise do interdiscurso, mediado pelo trabalho da memória discursiva, faz emergir dos enunciados dos agricultores como efeitos de sentidos parafrásticos é o de *estado nascente*, significado nos enunciados dos agricultores entrevistados como *participação social através das organizações da sociedade civil para mudar a realidade de exclusão social a que os agricultores estavam submetidos pelo mecanismo da concentração da terra e da renda*. A conquista da terra e da possibilidade de produzir as próprias condições de vida reinterpretada como utopia que solicita desses sujeitos individuais e coletivos outra/nova sociabilidade, reconhecendo e experimentando o sentido de “ser com os outros no mundo”. Uma relação social e produtiva pautada na cidadania e não mais na condição de humilhado, “Comunhão de sujeitos mediatizados pelo mundo libertando-se” significada nos enunciados que remetem à educação; como a organização dos agricultores para conquistar a terra, a água e os direitos da cidadania e produzir as próprias condições de uma vida melhor, vendo a realidade social, julgando e se mobilizando para agir no sentido de transformá-la a seu favor.

É ocupando esse lugar, na condição de agente participante de transformação social, que se inscreve na formação discursiva da convivência com a semiáridade o enunciado do agricultor J. T. “[...] *mas esse foi um trabalho que a gente passou por um processo de experiência. Mas isso também depende do esforço da gente. Porque a gente viu que a vida que a gente vivia a gente queria mudar e para mudar a gente tem que participar*”. O gesto de interpretação que se enuncia nesta prática discursiva do agricultor J.T marca uma presença ideológica interpelando os indivíduos em sujeitos e uma intervenção da história no trabalho da memória discursiva que, na filiação do enunciado às redes de sentidos do discurso da Teologia da Libertação, através do recurso da paráfrase, produziu um efeito de sentido que significa o *ver*, o *julgar* e o *agir*, elementos síntese do método da Teologia da Libertação.

“*A gente*”, nesse caso, são os agricultores, os oprimidos que fizeram a leitura crítica da situação em que se encontravam e perceberam (viram) a sua condição de opressão e exclusão social, julgaram que era possível lutar contra essa injustiça social que os oprimia intervindo nos processos decisórios e agiram se inserindo nos movimentos, organizando-se para participar das lutas de classe em torno de decisões que envolvia os destinos da sociedade em que estavam inseridos, principalmente, os destinos do estrato social que ocupavam. Nesse sentido, Boff (1999, p. 141) afirma que a “libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com uma prática que visa transformar estruturalmente as relações sociais iníquas”.

Um outro sentido de *convivência* que se explicita dos efeitos de sentido que emergem dos enunciados colhidos dos sujeitos deste estudo é a *liberdade e melhoria de vida*, como demonstra a análise do enunciado da agricultora, V. F.:

Aqui está muito melhor do que lá. Quem vive lá hoje sabe que não tem como conviver lá. De primeiro, a gente convivia bem lá onde a gente morava, porque não tinha pé alto nas roças, soltava os bichos, era porco, era ovelha, quem criava gado, era gado. Aí quando o fazendeiro cercou tudo com dois fios de arame, para aonde ia mais? Para lugar nenhum, ou saía de lá ou morria de fome” (Agricultora V. F./fevereiro de 2012/Bela Conquista).

Também explicitando o atravessamento de sentidos advindos da FD do combate à seca, se inscrevendo na FD da convivência com a semiáridade, este enunciado, na repetição dos advérbios aqui e lá, marca uma intervenção da exterioridade no funcionamento do discurso constituindo efeitos de sentido marcados pela dêixis do advérbio de lugar “aqui”, já que significa, num contexto imediato, o *Assentamento Bela Conquista*, e num contexto mais amplo, *semiárido: o lugar da liberdade onde o sujeito pode recuperar a condição de poder viver, viabilidade (conviver)*.

O Verbo *conviver*, nesse contexto, alude à condição cidadã dos trabalhadores que, acessando os meios de produção, voltam a desenvolver a pecuária, a agricultura e a gerar sua própria renda, seu sustento, sem depender dos patrões. Não são mais proibidos de irem a algum lugar, o que significa ocupar outros espaços que a cidadania dá direito. Moradia, educação, saúde e participação social devem estar presentes nos processos decisórios. E isto é entendido como *liberdade, melhoria de vida*, como sinalizam o advérbio de intensidade *muito* e o adjetivo *melhor*.

Dessa forma, a heterogeneidade constitutiva do intradiscurso da convivência com a semiáridade permite o trabalho do interdiscurso mobilizar os efeitos de sentidos do discurso bíblico-libertador, pois, como propõe Pêcheux (1975), a “metáfora está na base da significação” e “é aqui entendida como efeito de uma relação significante”, permite transferi-los, metaforicamente, para o lugar que compreende o Semiárido como “a terra prometida dos sertanejos”.

E esse lugar melhor para viver no contexto deste estudo, não é outro, senão o Semiárido, onde “o pequeno” tem acesso aos meios de produção do próprio sustento, podendo estabelecer uma relação de bem-estar e permanência, uma vez que não se vislumbra a presença ameaçadora do cerco dos fazendeiros, cujo jugo lhe expropriava a condição de cidadão produtor e usuário natural da riqueza que produzia massificando sua presença no processo produtivo, reduzindo-a a uma mera força de trabalho anônima.

O trabalho da memória discursiva, através da polissemia, faz o advérbio “lá” remeter a um efeito de sentido que significa o Nordeste/Polígono da seca, como o espaço do *combate à seca*, onde o enunciado *seca* é sinônimo de *escassez de água*, *comida* e cenário de *natureza hostil*, onde capitalização e mercantilização da natureza pelo fazendeiro deixaram os trabalhadores, sem *condições dignas de prover o próprio sustento*, a mercê da seca/morte, e onde semiárido/sertão é o lugar em que viver torna-se inviável porque o fazendeiro apropria a água, a terra e, portanto, a vida do trabalhador que, para permanecer vivo, submete-se a vender o dia, trabalhar o quanto o fazendeiro quiser pelo mínimo que ele quiser pagar para não sucumbir à fome, daí a expressão recorrente entre os entrevistados: *viver do macaco*, isto é, trabalhar pesado para sustentar o conforto do outro e receber o mínimo para continuar a se submeter à condição degradante e humilhante de trabalho.

Continuando a análise do enunciado da agricultora, tomemos os efeitos de sentido que podem ser explicitados a partir do trecho “*De primeiro, a gente convivia bem lá onde a gente morava, porque não tinha pé alto nas roças, soltava os bichos, era porco, era ovelha, quem criava gado, era gado. Ai quando os fazendeiro cercou tudo com dois fios de arame, para aonde ia mais*”.

Nessa passagem, a agricultora V. F. explicita a premissa de que não é tão somente a carência de precipitação pluviométrica, chuva ou os fenômenos climáticos de ordem natural que inviabilizam a produção das condições de vida num dado território. Mas a articulação dos fatores naturais com as ações humanas que a entrevistada verbaliza como saber. Desse modo, a agricultora explicita saber que não é a estiagem que causa a seca e a fome, mas a ação do fazendeiro, que cercou tudo e converteu a *estiagem* em *seca* e provocou a ameaça de morte pela fome.

Dessa forma, o sentido de *seca*, processo da relação entre fazendeiro, natureza e povo, como causadora da pobreza, é transferido para a *cerca*, que impede o acesso dos sujeitos aos meios de produção, que simboliza o domínio do latifúndio ou do agronegócio, que transformou a terra e a água e os “dons de Deus” em mercadorias ou negócio lucrativo e cujos efeitos de sentido significam no enunciado de Santos, Schistek e Oberhofer (2007, p. 34): “seca não é questão de não ter água, é questão de não ter terra suficiente... terra para desenvolver a agropecuária independente da irrigação... terra onde captar e guardar água, terra onde construir reservatórios, manter poços, terra para poder investir em infraestrutura”.

Observa-se um deslocamento do sentido “*fenômeno da seca como vontade de Deus*” para a “*seca resultado da vontade social*”, mais especificamente da *vontade política e econômica de lucrar e dominar negociando com o sofrimento da população, sob os efeitos das estiagens*. Em face desse efeito de sentido, a memória discursiva traz à tona outras movências desse sentido. Pelo trabalho do intradiscorso, essas movências permitem a mesma leitura significar nos enunciados: 1) “O problema do Nordeste não é seca, é cerca”, frequentemente enunciado como palavra de ordem nas práticas discursivas dos movimentos sociais de luta pela terra e cantado na música *Terra prometida* (Belo Sertão)<sup>10</sup> e feito palavra de ordem pelos sujeitos enunciadorees do discurso da convivência com a semiaridez; e 2) “No Semiárido não falta água, falta justiça”, atribuída a Dom José Rodrigues de Sousa<sup>11</sup>.

Pela mediação do interdiscurso e o trabalho da memória discursiva, os sentidos da convivência com a Semiaridez continuam se explicitando na interlocução dos enunciados dos agricultores familiares de Bela Conquista com outros discursos.

## REFERÊNCIAS

- AZERÊDO, R. **Itiúba e os Roteiros do Padre Severo**: história, geografia, riquezas naturais, ecologia, cultura, administração. Itiúba, 1987.
- BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. U. **Curso de formação em gestão pública, acesso à água e convivência com o semiárido**. FGP/SAN-ÁGUAS-CIRTERNAS, 2011.
- BOFF, L. **Saber Cuidar**: ética do humano – Compaixão pela Terra. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. Caritas Brasileira. Disponível em < <http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Intercambio-Caritas-Brasileira-experiencia-e-entidades.pdf>> Acesso 05 de setembro de 2012.
- CARVALHO, L. D. **Ressignificação e Reapropriação da Natureza**: Práticas e Programas de Convivência com o Semiárido no Território de Juazeiro-Bahia. São Cristóvão/SE, 2010.
- Equipe Pastoral de Juazeiro-BA. **Caminhando e Cantando em Comunidade**. 7ª edição Diocese de Juazeiro-Ba, 1992.
- COSTA, N. B. **Práticas discursivas**: exercícios analíticos. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

<sup>10</sup> A música *Terra prometida* (Belo Sertão De Miroval Ribeiro Marques) faz parte do CD *Belo Sertão*, produzido por organizações que atuam no Semiárido e tem como objetivo levar a discussão da convivência através da música.

<sup>11</sup> José Rodrigues de Sousa CSSR. Bispo emérito de Juazeiro-BA.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido**: Visão Holística. Brasília: Confrea, 2007.

MACEDO, O. R. B. **A Convivência com o Semiárido**: Desenvolvimento Regional e Configuração do local no Projeto do IRPAA. Recife – PE, junho de 2004.

MEDEIROS, S. S. et al. **Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro**- Instituto do Semiárido - INSA, 2012.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista – Discursos do confronto**: velho e novo mundo. Campinas, SP: Cortez/Editora da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 9ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **Análise do Discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, FHSK, T. (Orgs.). **Por Uma Análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997; p. 311-319.

\_\_\_\_\_. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux** organizadores 3. ed. Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] — 3. ed. — Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PEREIRA, L. S. **Afinal, Raças existem ou não?** Uma Análise do Discurso Enunciado por professores universitários. Salvador-Bahia, 2010.

SANTANA, E. ; OLIVEIRA, M. **Análise do Discurso**. 1ª ed. FTC-EAD –2007.

SANTOS, C. F.; SCHISTEK, H.; OBERHOFER, M. **No Semiárido, Viver é Aprender a Conviver**: Conhecendo o Semiárido em busca da convivência. Articulação Popular São Francisco, São Paulo, 2007.

SILVA, R. A. M. **Entre o Combate à Seca e a Convivência como o Semi-Árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Brasília, D.F maio/2006. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2309/1/2006\\_Roberto%20Marinho%20Alves%20da%20Silva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2309/1/2006_Roberto%20Marinho%20Alves%20da%20Silva.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2012.